
PRÓLOGO DA ESTÉTICA DE LUKÁCS: UM ESBOÇO PARA APRESENTAÇÃO¹

Marcus Flávio Alexandre da Silva²

Luís Távora Furtado Ribeiro²

A estética marxista resulta, em última instância, do desenvolvimento intelectual de Marx. Ao elaborar ontologicamente seu pensamento filosófico e econômico, Marx vai assumindo uma posição estética.

Suas primeiras reflexões sobre a arte começam no seu *Tratado sobre a arte cristã*, bem como nos seus dois ensaios, intitulados, respectivamente, *Sobre a arte religiosa* e *Sobre os românticos escritos* em 1842, todos perdidos (Frederico, 2005). Neste período, Marx foi influenciado pelas idéias estéticas de Hegel e de Feuerbach, rejeitando-as em seguida.

Lukács, seguindo o caminho da filosofia clássica alemã (Kant, Hegel e Marx), se afirma como um dos clássicos do marxismo, distanciando-se posteriormente da vertente idealista de Hegel.

Tertulian defende a *Estética* de Lukács como uma obra decisiva para um desenvolvimento do sistema marxista de estética:

O sistema marxista de estética de Georg Lukács, contido nos dois grandes volumes impressos em 1963 pela editora Luchterhand, da Alemanha Federal, pode ser considerado a obra mais *completa* do pensador. Sua significação via muito além do estreito domínio das teses que trataram da natureza da arte. A importante evolução filosófica de Lukács, desde sua célebre obra *História e consciência de classe* até a fase, última e definitiva, de seu pensamento da maturidade, encontra sua expressão mais fiel na

¹ Este resumo expandido resulta de uma breve reflexão sobre questões relacionadas à estética marxista baseada numa unidade de leitura do Prólogo da “Estética 1 – La peculiaridad de lo estético” de Geörgy Lukács, realizada no grupo de estudo vinculado ao Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário – IMO/UECE, acerca da obra acima citada.

² Doutorando em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Professor da Fundação Universidade Vale do Acaraú – UVA e Pesquisador colaborador do IMO/UECE. E-mail: marcus_flavio@ig.com.br,

³ Doutor em Sociologia. Professor e Diretor da Faculdade de Educação da UFC. E-mail: luistavora@uol.com.br

Estética. Sem dúvida, o grosso manuscrito da *Ontologia*, destinada a ser uma obra póstuma, é de natureza a lançar novas luzes, do mais alto interesse, na última fase da evolução filosófica de Lukács. Mas a *Estética* permanece o monumento mais expressivo dos textos publicados durante sua vida (TERTULIAN, 2008: 188).

Ao indagar-se acerca de que “hay y no hay una estética marxista” (1982, p. 12), Lukács mostra que essa polêmica está resolvida ao defender que suas problemáticas poderiam ser investigadas “a luz del método de la dialéctica materialista” (ibidem, p. 12).

Lukács segue discutindo sobre a questão da “objetividade” do materialismo dialético visto como um método próprio de análise filosófica da realidade humana. Como aplicá-lo concretamente para pensar a questão da arte no mundo burguês? Lukács propõe uma “fidelidad a la realidad y fidelidad al marxismo” (ibidem, p.16), sendo este entendido como “la continuidad com las grandes tradiciones del dominio intelectual de la realidad por el hombre” (ibidem, p.17), diferentemente do marxismo do período stalinista que se distanciou das grandes tradições do pensamento humano, por isso visto como vulgar.

Assim, por “fidelidad a la realidad”, entendo como um caminho inverso ao idealismo em todas as suas matizes vistas como “anteriores intentos de captar esa existência em su verdad” (ibidem, p. 17), bem como rupturas com o marxismo vulgar que entende a “relação entre a subjetividade e a objetividade como determinações mecânicas daquela por esta”. (Lessa, 2002, p. 104)

Outra separação que este “novo marxismo” realizou foi da perspectiva da dialética idealista de Aristóteles e Hegel, defensores do “primado da consciência sobre o ser” (Frederico, 2007). Concordando com este autor, Jimenez mostra que a arte é entendida na perspectiva do idealismo hegeliano como “uma forma de autoconsciência mais elaborada do que a ciência e a filosofia”. (1999, p. 149)

O debate proposto por Lukács refere-se a uma discussão ontológica e não lógica (gnoseológica) sobre os problemas da estética, já que “evita tanto o determinismo casual entre subjetividade e objetividade quanto a liberdade absoluta do sujeito” (Tonet, 1997, p.109).

Outra temática abordada no prólogo de sua *Estética* é sobre a teoria do reflexo, muitas vezes mal compreendida como uma cópia “mecânica ou fotográfica”

da realidade. Trata-se, sim, de uma categoria ontológica da tensão dialética entre a realidade objetiva e a subjetiva, sendo que esta se apresenta “en los diversos modos de reflejo [y] tienen que desarrollar-se en el marco de essa realidad material y formalmente unitária”. (ibidem, p.12)

A ciência e a arte para Lukács são exemplificações desses modos de reflexo da realidade que não possuem uma história autônoma ou imanente, resultante de suas dialéticas interiores como defendem as concepções idealistas, mas são “producto del ser social, de las necesidades nacidas de él, de la adaptación del hombre a su entorno, del crecimiento de sus capacidades en interacción con la necesidad de estar a la altura de tareas nuevas cada vez”. (ibidem, p. 22)

Tertulian esclarece a visão de Lukács sobre a questão da ciência e da arte, nos seguintes termos:

a ciência seria, por definição, um reflexo desantropomorfizante da realidade (tendente a um coeficiente elevado de objetividade e ao desaparecimento de todo traço de antropomorfismo em seus resultados), enquanto a arte se singulariza, na constelação do espírito humano, por sua função de reflexo antropomorfizante da existência (ibidem, 62).

Superando as concepções estéticas de Hegel e Feuerbach, a estética marxista se afirma em Marx e, principalmente, em Lukács.

Marx entendia a arte não como uma criação de um Espírito absoluto, ou uma reflexão sobre o belo presente naturalmente no mundo material, mas sim como uma forma de objetivação humana como o trabalho, este, por sua vez, “a forma primordial e essencial do contato do homem com o mundo, de que têm origem as formas de pensamento cotidiano” (ibidem, 204) da qual a arte é uma delas.

Lukács compreendia a arte nas suas singularidades e totalidades, sendo que estas dão o caráter verdadeiro de um produto artístico ao revelar a presença da consciência de si do gênero humano.

Ao reconstruir resumidamente alguns conceitos estéticos fundamentais retirados do Prólogo da *Estética* de Lukács, procuramos enfatizar que seu pensamento estético baseou-se numa concepção materialista filosófica da história,

bem como numa dialética da relação subjetividade-objetividade oposta a qualquer postura metafísica e idealista.

Por fim, vale ressaltar também que a estética marxista não é uma criação de forma artística singular, mas um sistema filosófico próprio de concepção dialética e ontológica do mundo, no qual o artista é visto como um ser social determinado pelas circunstâncias históricas em constante processo de transformação e a arte como uma atividade humana mais próxima da vida do que a ciência.

Bibliografia

FREDERICO, Celso. **A arte em Marx:** um estudo sobre *Os manuscritos econômico-filosóficos*. Revista Novos Rumos, ano 20, nº 42, 2005.

_____. **Lukács:** o caminho para a ontologia. Revista Novos Rumos, ano 22, nº 48, 2007.

FREDERICO, Celso. **A arte em Marx:** um estudo sobre *Os manuscritos econômico-filosóficos*. Revista Novos Rumos, ano 20, nº 42, 2005.

JIMENEZ, Marc **O que é estética?** São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 1999. (Coleção Focus 3)

LUKÁCS, Geörgy. **Estética 1** – La peculiaridad de lo estético. Barcelona: Ediciones Grijaldo, 1982.

LESSA, Sérgio. **Lukács:** Direito e Política. In: Lukács e a atualidade do marxismo. São Paulo: Boitempo, 2002.

TERTULIAN, Nicolas. **Georg Lukács:** etapas de seu pensamento estético. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

TONET, Ivo. **Democracia ou liberdade?** Maceió: EDUFAL, 1997.